

Transmissão da Psicanálise: a experiência de um grupo de estudos

Fábio Pereira Alves; Marina Santiago Ribeiro; Alessandra Almeida Pereira Sena; Ana Livia de Souza Bastos; Gabriella Cristina Parreira Silva; Josenalda Pereira de Oliveira; Nayara Ferreira Alves

*“Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível que lhes deres:
Trouxeste a chave?”
Drummond*

RESUMO: O artigo propõe discutir à especificidade na transmissão da Psicanálise a partir da experiência vivenciada em um grupo de estudo não institucionalizado, nominado Universo Inconsciente. A metodologia utilizada para a transmissão da psicanálise foi a associação livre de ideias, método proposto por Freud. O resultado obtido sugere um pressuposto de que para compreender o pensamento freudiano é necessário, além do investimento de libido, minimizar os efeitos do superego ao renunciar aos ideais narcísicos no afã de ocupar na transferência o lugar de conhecer e investigar o inconsciente. Talvez, não se esgote pelo viés de um artigo, nominar e dimensionar a satisfação que obtivemos em caminhar com Freud nos meandros da associação de ideias. Foi possível perceber com a experiência de estudar a psicanálise uma metamorfose singular responsável por mover o grupo rumo ao desejo, a transferência e a transmissão.

Palavras-Chave: Transmissão, psicanálise, transferência, desejo.

INTRODUÇÃO

O grupo de estudos tem como objetivo compreender a trajetória do pensamento freudiano, através da leitura sugerida por uma coletânea previamente escolhida dos principais textos de sua obra. Assim, cada integrante constitui algo singular para reflexão das relações com os temas sugeridos antecipadamente e suas relações com a clínica contemporânea. A transferência de trabalho com os textos freudianos teve por objetivo reduzir os efeitos da ação do superego. Outro objetivo foi o de fornecer a cada integrante a possibilidade de autorizar em cada um o dizer de crítico ao associar livremente as discussões suscitadas nos textos de Freud.

Para iniciar os encontros, os textos foram disponibilizados com antecedência a todos os integrantes do grupo. Nas discussões, cada integrante explana o que escreveu e associou com a leitura. Eventualmente, também são recomendados alguns textos literários, poesias e contos no afã de estabelecer uma compreensão a respeito das construções literárias de Freud. A cada tema, ou seja, a cada texto lido e discutido, ocorre o desdobramento deste para leitura no próximo encontro das produções teóricas de cada integrante do grupo. A programação tende a ser sempre flexível. Caso necessário, retoma-se a um texto já discutido para melhor compreensão, assim elaborações podem ser efetuadas ao longo do percurso.

O grupo se destina a estudantes de psicologia e psicanálise, psicólogos, psicanalistas e profissionais de áreas afins. A metodologia utilizada é a associação livre de ideias, método esse criado por Freud e que nos coloca em uma posição de não-saber frente do desejo do inconsciente.

A TRANSMISSÃO DA PSICANÁLISE

A Psicanálise nasceu no final do século XIX e início do século XX, apesar de algumas de suas ideias serem anteriores a esse período. Foi uma construção de Freud e um de seus legados foi ter criado a metapsicologia, que deu origem à psicologia clínica. Ela se institui de fato no momento em que a hipnose e o método catártico de Breuer são abandonados, entrando em cena a associação livre, na qual o paciente é orientado a dizer tudo o que vier à sua mente, mas em especial aquilo que tende a reprimir via defesa psíquica. Juntamente com a associação livre, os sonhos e a transferência são os caminhos para descobrir as formações do inconsciente.

Freud não postulava que o saber da psicanálise pudesse ser ensinado, seu saber se dá através da transmissão e não pela didática. Vale ressaltar que o saber é sempre singular, formulado por aquele que o recebe, o produz e o sustenta simultaneamente. Só há transmissão na presença da transferência na escuta do outro. Quinet corrobora (2009, p.55), “[...] na Psicanálise não há um saber prévio a ser aplicado em todos os casos, é sempre um a um”. Ainda, segundo Quinet (2009), Freud propõe que o acesso ao inconsciente se faz por manifestações contidas nos traumas, nos sintomas, nos chistes, nos atos falhos e nos lapsos ou “esquecimentos”. A fala por associação livre é o caminho para atingir os conteúdos inconscientes.

O GRUPO DE ESTUDOS E O CAMINHO DO INCONSCIENTE

Freud (1924, p.215) nos relata em “Uma breve descrição da Psicanálise” que, “A Psicanálise cresceu em um campo muitíssimo restrito”. Com a experiência do grupo de estudos, o que se percebe é que essa afirmação pode ser confirmada, pois exige de seus integrantes dedicação, disciplina, investimento de libido, o que parece ser um produto raro hoje no campo acadêmico. Essa restrição devia-se ao fato de que a psicologia da época era voltada para o método experimental, no qual o homem era compreendido somente pelos estudos dos fenômenos conscientes e observáveis. Ferenczi (1928, p.238) ressalta:

Sabemos que o extraordinário progresso da Biologia acarretou uma desvalorização de tudo o que é psíquico; no plano científico, um dos principais méritos de Freud é o de ter corajosamente se oposto aos excessos dos fanáticos da objetividade e o de ter levado em conta a *realidade psíquica* simultaneamente com a realidade física.

No grupo de estudos, o caminho percorrido se faz com espírito de debutantes, rodeados por uma imensa curiosidade e vontade de escutar as manifestações do inconsciente que, com o calor da emoção, ao ocupar o lugar de quem “sabe que não sabe”, mas possui o desejo inconsciente de saber e percebe que para isso será necessário um trabalho árduo para “passar de fase”. O dicionário de psicanálise elucida esse desejo com a definição de pulsão por Freud:

Termo sugerido na França em 1625, derivado do latim *pulsion*, para designar o ato de impulsionar. Empregado por Sigmund Freud a partir de 1905, tornou-se um grande conceito de doutrina psicanalítica, definido como a

carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do homem. (ROUDINESCO; PLON, 1997, p.628).

É utilizado no grupo a associação livre, a mesma tal qual é, ou será, utilizada na atuação clínica e profissional de cada um. Com ela é possível sair, então, meramente da posição de alunos ouvintes e partir da premissa da utilização dessa como uma construção conjunta de significantes individuais. Com isso, permite-se adentrar na posição de não saber. Calligaris (2008, p.16) diz dessa individualidade, “[...] a Psicanálise trabalha no varejo: a fantasia e o desejo só encontram seu sentido nas vidas singulares”. É uma associação livre das ideias de cada integrante do grupo.

Freud (1924, p.219) ao que tange a associação livre, nos disse “[...] deviam comunicar essas ideias ao médico, mesmo que sentissem objeções em fazê-lo; por exemplo, se os pensamentos parecessem desagradáveis, insensatos, muito sem importância ou irrelevantes demais”. Quando se traz para a realidade acadêmica, é o fato de comunicar aos demais participantes do grupo, juntamente com o orientador, concepções e dúvidas acerca do tema em questão. Sim, esta parte é bem difícil, é preciso confessar que sim, pois há um crivo que vem por aquele que muitos ilustram como o “anjinho”, mas que nessa situação pode-se dizer que faz papel contrário. Aquele que Freud nominou de superego, consciência moral, e que o orientador do grupo insiste que seja “desligado”. Esse reluta e, com muita dificuldade, no intuito de reduzir seu efeito sobre os integrantes, o papel de cada um será de desligá-lo.

No grupo o saber é singular, porém, o compromisso vai além da doação do saber. O que é discutido é “como” o saber sobre a Psicanálise afeta cada um dos integrantes. Manifesta-se no dizer de cada receptor, cada integrante, deste modo, se realiza a posteriori a transmissão de algo novo, a *trans-criação*, o produto do grupo. Como nos propõe Lollo (2013, p.19), “[...] o dizer constitui o agenciamento de dois movimentos: recepção e transmissão, a qual reúne, na transferência, repetição e criação”.

O desejo inconsciente se faz ao arriscar o dizer. Esse pensamento se traduz em ideia e afeto. Essa construção psíquica oferece a possibilidade de minimizar os efeitos da repressão. Essa relação entre ideia e afeto se apresenta de maneira complexa devido às inúmeras informações que são recebidas pela percepção. A partir de então, fica no campo do impossível estabelecer uma relação didática com o fazer psicanalítico. Os

efeitos dessa operação psíquica afetam o inconsciente de todos, pelo caminho ao qual as defesas psíquicas se constituíram, por estratificações, por censura, por distorções, o que torna mais complexa a relação entre representação e o pensamento. Não tem como transmitir a Psicanálise de maneira didática, pois ela somente se autoriza e se faz autor pelo não saber. Assim, os conteúdos suscitados pelo desejo inconsciente assumem uma função muito importante entre nós. Os significantes se ligam uns aos outros e criam representações do inconsciente e a grande “mágica” acontece. O inconsciente realmente é uma linguagem.

Calligaris (2008, p.56) ao falar sobre a formação do psicoterapeuta ressalta, “Espera-se também que, neste emaranhado, o terapeuta escolha um fio e o percorra detalhadamente, lendo e estudando”. Mas mesmo escolhendo o fio, sendo ele permeado ao grupo por Freud, dialoga-se com outros autores, outros psicanalistas, os ditos freudianos.

Calligaris ressalta tal importância:

A orientação terapêutica na qual você se formou ou está se formando, minha jovem amiga, não é uma ideologia, nem uma fé na qual seria preciso que você acreditasse, nem uma espécie de dívida que você contraiu com seus mestres e que a forçaria a se fazer seu repetidor e arauto fiel. (2008, p.65).

Freud (1956-1939), quando elucidou a importância das pulsões, disse que para evolução do conhecimento não pode haver rigidez e faz uma metáfora com os conceitos da física que passam sempre por modificações, mesmo sendo conceitos já estabelecidos.

O funcionamento do grupo “quebra” essa rigidez cartesiana do “penso, logo existo”, já que não funciona de modo pragmático ou de divisão mental do pensamento. Não existem etapas a serem cumpridas. O que existe é a construção de uma linguagem singular que se faz a cada encontro. Assim, o método que elucidava o grupo é a associação livre de ideias. Araújo (2013, p.81) diz que, “Novos desafios estão sempre ocorrendo na aplicação clínica da teoria psicanalítica uma vez que estes conceitos são passíveis de expansão e dependem da criatividade dos analistas”.

O grupo possibilita aos integrantes o estabelecimento de um laço social pelo fato de que durante os encontros é utilizado um texto para decifrar a linguagem inconsciente e suscitar o confronto entre os pontos de vista singulares, através da associação livre. O objetivo comum do grupo é que a fala não é vã, pois tudo o que é dito é considerado e a

transferência nos propõe o acesso ao inconsciente. Esse laço social é permeado pelo desejo, pela repressão e pela transferência.

Criar um lugar de transmissão da psicanálise é criar uma função de se responsabilizar e se autorizar a ser autor sem estar obrigado a repetir os caminhos morais do superego. Os integrantes do grupo, ao se responsabilizarem pelo lugar de não saber, tomam para si a autor-ização. Moustapha et al, dizem dessa autor-ização, que parte de uma metáfora de ser autor de sua ação:

O não-sabido, longe de justificar a ignorância, ordena o âmbito do saber. Ele cava o desejo do saber e funda esse imperativo: tu podes saber (*Scilicet*), logo, tu deves. Como efeito, se, para o analista, não há sujeito suposto saber, em compreensão, há que conquistar esse saber do sujeito suposto. Essa nova clivagem entre sujeito que cai e saber que fica engendra a regra fundamental: fale, sua fala não é vã, ela contém um saber como princípio de razão suficiente. Esse saber, o do *Undewusste*, o analista o supõe, apela, espera, deseja, tanto quanto lhe falta; mas ele, o analista, não o deixará escapar. Esse é seu impasse, e o próprio impasse do controle. Com efeito, o que faz laço social entre estes dois analistas, controlador e controlado, é sua posição de leitores que lêem lado a lado o mesmo livro, decifrando a mesma linguagem cifrada que é o inconsciente, tendo em vista um ganho de obter de um mesmo saber textual. Inicialmente, não há leitura e, depois, troca de saber, mas essa troca é sua própria leitura. Entretanto, permanece uma disparidade entre dois analistas; ela não está na desigualdade relativa ao saber do caso. Está em outro lugar. (1921, p.56)

A transferência entre os participantes de um grupo de psicanálise é o trampolim necessário para transmitir o inconsciente do privado para o público. O grupo de estudo não ocupa a posição de seguir um mestre, mas a de cada um de maneira singular ser conduzido e ser mestre do seu inconsciente. Almeida explicita a posição do mestre não-todo:

Um analista na posição de Mestre não-todo, um educador que se interroga sobre o sentido de seu ato, um dispositivo clínico de fala, de escuta e de escrita pelo qual se metabolizará a angústia da posição 'ensinante', e uma finalidade assim constituída: uma mudança subjetiva do educador na sua relação com os ideais narcísicos e educativos, de modo a que o encontro com o real da educação não reduza a uma experiência de profundo e funesto mal-estar, mas, ao contrário que lhe permita viver a relação educativa como uma

experiência única, singular, de criação e (por que não?) de prazer. (2006, p.15)

Ao romper com o ideal de seguir o mestre fatalmente os ideais narcísicos e edípicos vão cair, assim com um rei ao final do jogo de xadrez. O sentimento de pertencer ao grupo de estudos a partir da “queda” do rei possibilita aos participantes do grupo de estudos mover o desejo em função do conhecimento. A função de conhecer convida a ser livre para associar, compreender e formular a respeito da teoria freudiana. É a possibilidade de os integrantes do grupo ocupar o lugar de autores e instituir para cada um o seu nome próprio. Freud (1913, p.139) compara a técnica da psicanálise a um jogo de xadrez, para a compreensão e ensino sempre terá um novo desafio, nos trouxe a seguinte metáfora:

Todo aquele que espera aprender o nobre jogo de xadrez nos livros, cedo descobrirá que somente as aberturas e os finais de jogos admitem uma apresentação sistemática exaustiva e que a infinita variedade de jogadas que se desenvolvem após a abertura desafia qualquer descrição desse tipo. Esta lacuna na instrução só pode ser preenchida por um estudo diligente dos jogos travados pelos mestres. As regras que podem ser estabelecidas para o exercício do tratamento psicanalítico acham-se sujeitas a limitações semelhantes.

Nessa movimentação entre a oposição acaba por ser tornar essencial constituir uma maneira singular de trabalho. Essa singularidade só é capaz de acontecer pelos estudos e ensinamentos do mestre. O que parece nos revelar que a psicanálise não é um livro, mas vai sendo “descoberto” através da sua “variedade de jogadas” pela diversidade das posições psíquicas, todos os processos mentais que se opõe a qualquer mecanização da técnica que através da prática e da experiência clínica e do próprio conhecimento analítico, a movimentação interior acaba por se anunciar de maneira ímpar.

POR QUE A PSICANÁLISE?

Foucault ressalta esse porquê, *in verbis*:

A importância histórica de Freud vem, sem dúvida, da impureza mesma de seus conceitos: foi no interior do sistema freudiano que se produziu essa reviravolta da psicologia; foi no decorrer da reflexão freudiana que a análise

casual transformou-se em gênese das significações, que a evolução cede seu lugar à história, e que o apelo à natureza é substituído pela exigência de analisar o meio cultural. (2014, p.141).

E no grupo: por que estudar a Psicanálise? Mesmo com a atuação da repressão e da resistência, dificuldades existentes no caminho da transmissão da psicanálise, algumas dessas dificuldades poderão permanecer insolúveis em cada um dos integrantes. A angústia se faz de obstáculo e é singular para cada um dos integrantes. Por que promover esse encontro? Um encontro em grupo é, ao mesmo tempo, singular, solitário, mas caloroso. Um encontro com o mesmo objetivo, mas com experiências diferentes sobre ele. Por que participar desse grupo? Por que esse grupo e não outro? Por que insistir em confrontar as resistências? Masoquismo? Não, estudam a psicanálise porque acreditarem no encontro do sujeito, do desejo com o seu inconsciente. Acredita-se que ao ocupar o lugar de não saber, existe a possibilidade de minimizar os efeitos da repressão e do sintoma na transmissão da psicanálise. Portanto, ao minimizar os efeitos do sintoma, as palavras lidas, escritas e discutidas tomam um novo sentido. As palavras sublimam a dor de ser de cada um.

Freud, quando falava da falta de ensino da Psicanálise nas Universidades, citava a classe médica, mas já nos fazia um alerta:

Essa falha não se manifestará apenas na sua falta de interesse pelos problemas mais absorventes de vida humana, na saúde ou na doença, mas também o tornará inábil no tratamento dos pacientes, de modo que até mesmo charlatões e ‘curandeiro’ terão mais efeito sobre esses pacientes do que ele. (1919, p.187).

Roudinesco (2005), no capítulo “As psicoterapias”, traz um dado ainda mais assustador em relação ao que a Psicologia passa hoje: estudos de Jean Cottraux apontam a existência de cerca de duzentas e nove formas de psicoterapias, ao passo que comparado com as grandes correntes psicanalíticas que concorrem com cinco grandes escolas. Deve-se, então, ser feito um pequeno exercício de reflexão ao se questionar “Por que a Psicanálise?”. Existem várias respostas para isso, mas e a indagação: “Por que existem duzentas e nove formas Psicoterapia?”. Ou melhor: “Por que existem tantas formas de psicoterapia?”, “Todas possuem o mesmo pai teórico como a Psicanálise possui?”. Quem poderá nos esclarecer esse fato?

Roudinesco, faz referência ao ódio que comumente é destinado a Freud, e conseqüentemente à psicanálise:

Mas o ódio em estado puro e sem nenhum outro fundamento senão a negação da realidade é coisa bem diferente. Convém lutar? Calar? A questão divide a comunidade científica, que muitas vezes deixa seduzir pela fúria que suscita em seus detratores. Provavelmente porque seus representantes, imersos em trabalhos, colóquios e reuniões entre especialistas, tornaram-se, erradamente, indiferentes àquilo que veem, com desdém, como literatura de sarjeta. (2011, p.7).

Então, a experiência propõe uma nova resposta ao “Por que estudamos a Psicanálise?”. Cabe aqui uma crítica: estudar a psicanálise pode ser uma possibilidade de não deixar se perder em 209 formas de psicoterapias. Mas vale a premissa que ninguém passa por esse mundo sem experiências, sem marcas mnêmicas, sem passar pela dissolução do complexo de Édipo, sem abrir mão da transferência.

Roudinesco (2000), relata um homem comportamental, homem este que se insere no movimento da globalização e se vê transformado em objeto inserido em uma sociedade que nega o inconsciente. Ainda, segundo Roudinesco:

Quanto mais ela se encerra na lógica narcísica, mais foge da ideia de subjetividade. Só se interessa pelo indivíduo, portanto, para contabilizar seus sucessos, e só se interessa pelo sujeito sofredor para encará-lo como uma vítima. E se procura incessantemente codificar o déficit, medir a deficiência ou quantificar o trauma, é para nunca mais ter que interrogar sobre a origem deles. (2000, p.42).

Não se trata de levantar bandeira, pois esta já foi defendida, ou seja, a bandeira da Psicanálise, de uma ciência que não nega o pai e o agradece por trazer a clínica com tamanha maestria e ser o “cantinho de felicidade”. Freud tratou sobre o ensino nas universidades:

Uma universidade é um lugar onde o saber é ensinado acima de todas as diferenças de religiões e nações, onde a investigação é conduzida, e que se destina a mostrar à humanidade a que amplitude ela pode compreender o mundo a seu redor, e até onde pode controlá-lo. (1925, p.325).

Sobre a importância da Psicanálise e, ressaltando sua diferenciação das demais ciências da psique, Foucault (2014, p.141) ressalta: “Mas nenhuma forma de psicologia

deu mais importância à significação do que a Psicanálise”. E é por essa produção de significantes, por essa credibilidade teórica e jeito de fazer, que acredita-se nestas premissas que sustentam a transferência de trabalho no grupo e por isso se estuda a Psicanálise.

CONCLUSÃO

Talvez não se esgote, pelo viés de um artigo, chegando a dimensionar a satisfação particular obtida através de grupo de estudos em psicanálise, algo que move o desejo de cada integrante. No entanto, esse é o ponto que sustenta esta conclusão, de que, para compreender a trajetória do pensamento freudiano, é necessário além do investimento de libido, minimizar os efeitos da repressão, da resistência e do superego ao renunciar à posição de aluno para ocupar o lugar de autor.

Pode-se afirmar que a Psicanálise não se ensina, se transmite. O efeito é produzido no inconsciente e no desejo de escuta. Ao se autorizar a ser autor em psicanálise, o sujeito se responsabiliza pelo lugar do não saber, ao produzir a autorização. Essa autorização é necessária e sustenta o grupo de estudos e o saber psicanalítico. No decorrer dos encontros, ocorrem alguns desencontros, nem todos os potenciais integrantes de fato integram, nem toda proposta de produção é atendida. Ainda assim, o grupo de estudos tal como a psicanálise, se sustenta num campo restrito, oposto a multidões. Ao final, permanecem apenas aqueles cujo compromisso não está direcionado a atender as objeções do superego e ocupar o lugar de sujeito passivo, aluno.

A gratidão, sobretudo, vai para o pai da Psicanálise e para aqueles que sustentam essa teoria, imunes ao pensamento tradicional. Aqui se compartilha a experiência, representando o eixo do grupo de estudos Universo Inconsciente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. *Transmissão da psicanálise a educadores: do ideal pedagógico ao real da (trans)missão educativa*, Estilos da Clínica, São Paulo, v.11, n.2, p.14-23.

ARAÚJO, Delza Maria da Silva Ferreira. Desafios da clínica psicanalítica ontem e hoje. In: *A cultura e a Contemporaneidade da Clínica Psicanalítica*. Goiânia: Kelps, 2013.

CALLIGARIS, Contardo. *Cartas a um jovem terapeuta*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

FERENCZI, Sándor. O processo da formação psicanalítica. In: *Obras completas Sándor Ferenczi*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, v.4.

FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FREUD, Sigmund. (1856-1939) As pulsões e seus destinos. In: *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Tradução Pedro Heliodoro. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

FREUD, Sigmund. (1923-1925) Por ocasião da inauguração da universidade hebraica. In: *Ed. Standard bras. das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. sob a direção Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v.XIX.

FREUD, Sigmund. (1923-1925) Uma breve descrição da Psicanálise. In: *Ed. Standard bras. das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. sob a direção Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v.XIX.

FREUD, Sigmund. (1911-1913) O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos. In: *Ed. Standard bras. das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. sob a direção Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v.XII.

LACAN, Jacques. (1956-1957) *O seminário, livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LOLLO, Paolo. *Psicanálise e transmissão do saber*. Trivum, Rio de Janeiro, n.1, v.5, jun., 2013, p.15-20.

MOUSTAPHA, Safouan; et al. *O mal estar na psicanálise*. São Paulo: Papirus, 1921.

QUINET, Antonio. *A estranheza da Psicanálise: a escola de Lacan e seus analistas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Freud – mas por que tanto ódio?*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ROUDINESCO, Elisabeth. *O Paciente, o Terapeuta e o Estado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Por que a psicanálise?*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.